



JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.



Devo principiar este artigo impreterivelmente fallando dos bailles mascarados da Pascoa do Espirito Santo. — Fallarei a favor ou contra elles?

Nem a favor, nem contra, querida leitora. Estou zangada, muito zangada, revoltada mesmo, contra este inqualificavel procedimento de que tantas vezes temos sido testemunhas nos mais bellos divertimentos populares da nossa terra. Pois é uma pena. Que nenhum paiz tem povo mais docil, mais benigno, mais complacente; em nenhum paiz, mais do que neste, se poderião enraizar bellas instituições, proveitosos costumes. Porém o que hade ser..! O povo concorreu, gostou da festa, deu lucro á empresa? ah! bem; especulação no caso. Repita-se, repita-se muitas vezes, esgote-se o gosto e o dinheiro do povo, farte-se. Que elle se enjoe, não importa; que a festa enfastie depois, não importa; que o povo se lhe torne indifferente, não cõrra, não se influa, também não importa.

E assim se nullificão, assim se definhão as mais bellas instituições, os mais bellos divertimentos populares da nossa terra.

Ora que se abarrote o povo com dezenas de re-

presentações d'esta ou d'aquella opera que mereceu aceitação — é justo e mesmo necessario; mas que o mesmo aconteça com divertimentos que a sua graça toda, todo o seu furor, toda a sua maior influencia, precisamente está em serem dados somente em certo e determinado tempo do anno — é fóra, muito fóra de todo o calculo lucrativo.

Passarei por alto; não fallarei desta vez pro ou contra os bailles mascarados.

As nosses assignantes da corte todas sabem o que forão os bailles mascarados da Pascoa do Espirito Santo, e as das provincias nada perdêrão em os não ver.

Já fostes, querida leitora, visitar á rua do Ouvidor a loja n. 81, esse lindo cofre de jolas dos Srs. C. Valais & C.? Oh! ide-o ver; o hom gosto reclama esta visita e o hom-tom a exige. Se quiserdes admirar o que é luxo, riqueza, perfeição e arte, pégai em uma das jolas que guarnecem os scintillantes bufetes envidraçados d'esse recinto de ouro e pedras preciosas. Vereis o brilhante, a saphira, a esmeralda, as perolas, os robins, reunidos ou separados, sobre um finissimo é-malte ou de

licado. Lavar de ouro em diversas cores transformado, representando a joia mais primorosa, mais elegante, mais perfeita que se pode imaginar. Quizerá descrever alguma das peças de subido valor, de immensa delicadeza, verdadeiros primores d'arte chegados ultimamente de Paris, mas não vos quero anticipar o gosto de mesmo vel-os e apreciar-des.

Neste momento vos direi que vi um dos mais bellos e valiosos adereços de brilhantes que pelo Sr. Farani mandou fazer a Exm. S. a. C. B. Este adereço compõe-se de um bandó descrevendo um elegante ramo, em ouro fôcco e polido, de um trabalho e gosto especial, semeado de bilhantes; um par de lindíssimos brancos no mesmo gosto do bandó, mas de uma rara delicadeza; trez lindas e ricas pulseiras, das quaes uma, esmaltada de azul em flores d'ouro polido, ostenta um claro e soberbo brilhante de 7 quilates de pezo; porém a mais valioza de todas estas joias é a riquíssima fita de brilhantes que as acompanha; esta fita tem 21 brilhantes prezos uns aos outros por uma simples orla de azul mui claro, e são da mais pura agua: o brilhante do meio é de 7 quilates e os outros vão diminuindo de pezo até ao das pontas da fita, que são de 3 quilates cada um. É uma magnifica joia.

Passando das joias ás modas mais recentes, dir-vos-hei, em continuação do meu artigo de Domingo passado, que depois dos ricos e soberbos tecidos de Lyon bordados de ouro e prata, dos caprichosos veludos picados, das lindas sedas em disposição, e finalmente dos mil graciosos enfeites da mais feliz invenção da ultima estação de Paris; ha a acrescentar mais uma novidade, ou antes uma restauração, que deye produzir grande effeito sobre o nosso *toilette* em geral. Esta novidade são as mangas modernas. De justas que erão em cima e largas em baixo, passarão a ser todas largas, fazendo o fôfo o seu primeiro ornamento.

As mangas curtas, para baile, *soirée* e theatro, umas são mui curtas, de um só fôfo estreito, deixando o braço quasi todo descoberto, outras são de um fôfo maior, as mais modernas, enfeitadas de filetes bordados de ouro, folhos sobrepostos, ou presilhas de seda quando o *toilette* é menos rico.

Já se vê pois que esta manga é uma restauração das fantasias do passado, mas uma restauração como todas as que Paris sabe fazer reviver, que trazem, a par do antigo, um certo — que — de novidade e belleza que nos seduz e nos leva a partilhar do seu mesmo gosto.

Não poderei dizer até que ponto a moda quererá levar a restauração das mangas largas; mas o que é muito provavel é que ellas não irão muito além do que já estão. Veremos com a entrada da nova estação o movimento que dá a moda á sua encetada revolução para o gosto do antigo imperio.

Veremos em Junho como as nossas elegantes estirão as mil novidades de que se compõe hoje o repertorio da moda. No Cassino, no magico Cassino, lá esperarei por todas ellas, lá lhes direi com franqueza qual a que melhor interpretou o bom-tom da elegancia e da preferéncia da escofha.

Por este paquete chegarão ao armazem Wal-

lerstein quatro côrtes sómente das ricas sedas que forão estreadas no baile do Senado francez pelas primeiras elegantes d'alta gerarchia. Ainda não forão despachados; mas assim que o forem, tenho promettimento de m'os mostrarem com antecedencia a poder dar-vos noticia delles.

Encontrareis hoje na estampa que vou descrever, um figurino de baile, que merece toda a minha approvação.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

FIGURA 1. — TOILETTE DE GRANDE BAILE. Penteadado enriquecido de um diadema e plumas. Os bandós são rizados e ondeados; uma trança em feitto de rôlo atravessa a parte superior da cabeça; as duas plumas que recahem sobre o lado direito são collocadas um pouco para traz entre a trança e o amarrado do cabelo.

Vestido Semiramis, de *gros de Tours*, bordado de seda de côes e de fio de ouro. A disposição do desenho forma duas saias quando apenas são duas barras bordadas. O corpinho decotado, liso e espartilhado, é redondo adiante e um pouco atraz. A *berthe* forma uma sanefa de maneira que deixa descobertos os hombros e ahi é presa por um pequeno alamar de cada lado. As mangas curtas, em grande fôfo, são enfeitadas de tres filetes bordados de ouro que dividem o grande fôfo em tres partes iguaes dando-lhe a fôrma de corda.

A *berthe* é guarnecida de um blond de ouro. Duas ordens de blond de ouro servem de folhos ao baixo das mangas.

FIGURA 2. — TOILETTE DE PASSEIO. Capote em tafetá e blond moldurando as ábas as feições do rosto; côpa arriada, fôrro verde, enfeitado por dentro de margaridas em blond, e por fóra, ao lado direito, um laço dobrado de fita de setim verde, de que partem as pontas fluctuantes que prendem as ábas.

Roupão de veludo preto com revêzoes de *moire* roxo, e flores de veludo e *moire* formando o enfeite da saia.

Corpo afogado guarnecido com a continuação do mesmo enfeite da saia. Mangas mais largas em baixo que em cima, abertas e arredondadas nos cantos.

Todos os revêzoes são lizos.

O collarinho e as mangas pagodes são de ponto de Inglaterra.

Catete, 20 de Maio.

Christina.

O pai juiz e executor de seu filho.

Era em julho de 1819, e todo o paiz se occupava deste acontecimento hoje talvez já esquecido. Eu achava-me então em Ruão para visitar os monumentos de antiguidade de que esta cidade tanto abunda. Tinha já admirado a sua cathedral, seus castellos, suas fontes, quando uma manhã sahi para visitar o magnifico palacio de justiça, construcção

do rei Luiz 12º a fim de evitar o escandalo de se reunirem os juizes na igreja de Notre-Dame para ali terem suas audiencias e proferirem suas sentenças de morte, como d'antes era costume.

A multidão affluia de todos os lados ao palacio, atrahida sem duvida por algum estroindoso acto judicial. E-te contratempo impedindo-me de satisfazer a minha curiosidade de artista, eu me retirava determinado a deixar para outro dia esta visita, quando no fundo da grande escada de pedra encontrei dous homens que conversavão com muito calor.

— Já se proferiu a sentença? me perguntou um delles.

— Qual sentença, senhor?! lhe respondi.

— A de Magnien; admiro a vossa indifferença. Não ha hoje em Ruão uma só pessoa que se não interesse por saber o fim deste processo.

— Disse-lhe tu, que era estrangeiro e que sómente a curiosidade de ver o edificio, ali me havia conduzido. Então um delles satisfazendo bsequiosamente o meu desejo, me fez a narração seguinte:

« Mr. Magnien, cujo processo actualmente se está ratienciando, é um official militar reformado, a quem a natureza dotou de uma alma tão leal e severa em materias de honra, quanto é violento o seu character. Tinha elle um filho, moço de dezenove annos, que apezar da rigida educação que de seu pai recebera, consumia em paixões muitas vezes desgraçadas a energia e dotes que o terião feito um bravo official, e talvez mesmo um habil general. Queixas assaz graves tinhão sido por muitas vezes dirigidas a Mr. Magnien sobre a imprudente conducta de Eduardo, e de cada vez o velho inflexivel infligia a seu filho asperas reprehensões, e mesmo castigos corporaes que bem longe de conseguirem a emenda que elle esperava, não fazião mais que endurecer a alma fogosa e independente do mancebo.

« Uma tarde Mr. Magnien recebeu a visita de um velho amigo, rico commerciante das vizinhanças, que tinha vindo á Ruão receber uma consideravel somma de dinheiro. Depois de algumas instancias o commerciante consentiu em aceitar a cêa do antigo companheiro de sua infancia, Eduardo, que depois de algum tempo parecia ter renunciado a sua vida dissipada, ajudou agradavelmente seu pai a fazer as honras da meza. Entre as recordações do tempo passado foi passando o tempo; até que Duval, o commerciante, lançando por acaso os olhos para uma pendula, viu que erão 11 horas. O velho Duval levanta-se á pressa, regeita a offerta do seu amigo para que passasse a noite em sua casa; guarda cuidadosamente a sua carteira, despede-se do pai e do filho, monta a cavallo e parte.

« Acabava de entrar em um pequeno bosque que havia no caminho da sua habitação, quando repentinamente vê sahir d'entre as arvores um homem que se lhe atravessa diante do cavallo. O luar estava claro, e Duval pôde ver que este homem trazia o rosto pintado de preto. — O dinheiro ou a vida — lhe grita o homem com uma voz rouca apresentando-lhe as bocas de duas pistolas. Mr. Duval tinha tirado á pressa uma pistola dos coudres e ia dar ao gatilho, quando uma subita reflexão lhe fez cohir o braço. — O meu dinheiro — responde elle tirando do bolso a sua carteira: aqui o tendes. O desconhecido recebe

a carteira e desaparece. Duval continúa seu caminho absorto em profunda reflexão e deixando ir á vontade o passo do seu cavallo.

« Veria assim andado meia hora, quando parece despertar do seu lethargo; e tomando uma subita resolução, faz voltar o seu cavallo e mette a grande trotte outra vez para a cidade.

« Teudo chegado á Ruão, entra em uma estalagem, manda guardar o cavallo, e encaminha-se para casa do seu amigo. Como sabia que este dormia em um quarto baixo, bate mansamente na janella até se fazer ouvir. O velho militar admirado desta inopinada volta, corre a abrir-lhe a porta.

— Meu amigo, lhe diz Duval, fui accommettido por um homem á entrada do bosque. O som da voz, a figura, o que pude descobrir das feições do ladrão, a travez da tinta preta de que ellas estavam cobertas, tudo me fez despertar um terrivel pensamento. Tenho quasi a firme convicção de que me engano.... com tudo a honra do teu nome, da tua familia....

— Que me queres dizer? Explica-te.

— Um rapaz imprudente, talvez seduzido....

— Falla, não me atormentes mais.

— Escuta, fazem-se muitas queixas de teu filho, e.... desculpa-me, porém a amizade que te tenho e para que possas prevenir....

— Acaba.

— Pois bem, meu pobre amigo, suspeito....

— Que foi elle?... meu filho!

— Socega-te: poderemos nos desenganar sem fazer estrondo: talvez que apenas uma semelhança de figura me illudisse. Se elle estiver na cama....

— Segue-me. Responde arrebatadamente o velho militar, acendendo uma luz e dirigindo-se para o quarto de Eduardo.

A porta não estava fechada: ambos entrãrão. Eduardo, deitado na cama, dormia profundo sono. Seu pai, cuja mão tremia com violencia, para mais se affirmar, o examina de perto e volta-se depois para o seu amigo dando um longo suspiro, como um homem que se vê aliviado de um pezo enorme. Mr. Duval abaixa os olhos e fica em silencio. A incerteza apoderou-se novamente do velho, cujos olhos inquietos correm tudo em torno de si. Uma toalha suja de grandes manchas negras se lhe offerece á vista em cima de uma cadeira. Examina tudo com mais attenção; e descobre debaixo do trave-seiro do filho as duas pistolas e a carteira de Duval.

— Isto não são provas decisivas! diz o commerciante vendo as feições do velho militar — Além do que, eu vinha a cavallo e elle não poderia a pé ter chegado com tanta antecedença.

— Atravessando o regato, o caminho é muito breve.... olha, eis aqui suas calças e suas botas ainda ensopadas d'agua.... Mr. Duval abaixou outra vez os olhos, e não sabia o que havia responder-lhe

— E elle dorme!... exclama o pai, scintillando-lhe os olhos de colera.

E pode um ladrão dormir assim tranquillo!... Um ladrão!... Um salteador!... E lançando arrebatadamente mão de uma das pistolas, a engatilha, e antes que Duval podesse segurar-lhe o braço, a descarrega contra a cabeça de seu filho e lh'a faz saltar em pedaços.

« O velho militar calhou n'um morno silencio de dor. A justiça epoderou-se de sua pessoa, e a sua causa é hoje sentenciada. Todos se interessão neste acontecimento e ninguem-ouza prever o resultado — é um pai juiz e executor de seu proprio filho; mas um pai a quem um excesso de honra e prohibidade tornou criminoso. »

Neste momento a multidão começou a sahir em tumulto da sala da audiéncia: era grande a confusão; todos fallavão ao mesmo tempo e em todos os semblantes se manifesta o sentimento.

— Condemnado á morte? pergunta a um dos que passava o sujeito que me havia feito esta narração.

— Não a degedro por toda a vida; porém o miserando velho não pôde resistir á sua ignominia: mal ouviu ler a sentença, cahiu para o lado, e expirou.

— Desgraçado! Eis ahí o que faz um mão filho.



POESIA.

AOS ANOS DO INNOCENTE DIOGO,

FOR MIM CONTEMPLADO.

NO SEU CORO.

OFFERECIDO

AOS SEUS EXTREMOSOS PAIS

Em 28 de Abril de 1853.

Quiera uma lyra d'ouro
Que em torrentes de harmonia,
Na mais doce melodia
Cantasse annos ditosos;
Mas não tenho tal thesouro,
E teus annos venturosos
Só terão pura expressão
Nascida no coração.

J. B. S. R.

I.

Como é sublime vêr-se do innocente
O respirar tranquillo em brando leito!
Como é bello mirar-lhe o niveo rosto
Na linda mão se reclinar mimoso!
Divisar-lhe em angelico sorriso
De rubra cor lhe colorindo os labios!
Que meigas expressões me não revelão

Volvidos á innocencia esses teus olhos!
Não roça por teus labios a mentira,
Nem do mundo illusões turva-te a vista!
Nem o ar da impustura que envenena
De leve ao menos affectou teus orgãos!
Não ouves da lisonja teus ouvidos,
De falsidade cheios, vis discursos!
A' inveja fatal teu peito estranho.
Não soffre d'ambição duros tormentos!
No berço da innocencia recostado,
O vaidosos enganos d'este mundo
Não sabes reflectir, e da ventura
Somnambulisa-te a linguagem pura
No magnetismo do sorrir materno!

Oh! idade feliz! Primeira idade,
Como vais ser contrária á puberdade!...
Mas tal belleza descrever quem pôde
Sem do mundo pintar mais puro encanto?
Dos quadros o mais bello, o mais tocante,
Que tu proprio retraças, p'ra encantar-me,
Que pincel busenrei para retratar-te?
Que lyra arpejarei p'ra hem cantar-te?...

Oh! Se eu pudesse a minha juventude
Trocar por essa aurora em que despontas,
Do mar da vida sem temer as vagas,
Sem inda a frase soletrar d'angustia,
Sem inda a gota equilibrar do pranto
Teus olhos, onde os tragicos enredos
Inda não se reflectem deste mundo....
Oh! Se eu pudesse.... Oh! Céus! Onde me arroja
A fantasia n'um tão louco intento?!
Trocar, pelos martyrios que me anceião,
O celeste prazer em que te engolfas?!...
O' Deus, não oigas meu desejo insano.
Não des ao anjo o fado meu tyranno!...

II.

Minhas trovas porém eis te despertão,
E teus olhos abrindo o brilho mostrão
De luz brilhante que offuscara os astros!
Das faces o matiz que as carminizão,
Debate a rósea cor que esmalta os labios
Por onde a voz entrecortada vibra
— Papai — mamão, — nas debeis cordas d'alma!
E n'um volver dos membros que espreguiças
Vais medindo do berço o espaço estreito,
Vais teus debeis braços estendendo
A teus pais que te ouvindo vão correndo!...
D'affagar-te qual d'elles o primeiro,
Mais prompto e mais veloz, buscando a dita,
Precipitão-se á um tempo presurosos
Disputando entre si ternos affagos!
Um diluvio de beijos d'improviso
Em teus labios gentis suffocão risos
Com os quaes vais contente agradecendo
O amor que vais ditoso recebendo!...

Tal quadro contemplar sem dor não posso.
Porque sinto as saudades do passado
N'afflictiva tortura compungir-me.
Innocente feliz! Quem te soubéra
Dizar pelos vocab'los que traduzes
A f'lecidade que na dor t'invejo?!



355



LE MONITEUR DE LA MODE.

Rue Richelieu 92 à Paris.

Modes de M^{me} de Koraia 21 Basse du Rempart Robes à l'Exposition de la M^{me} Delisle 1 de Châteaufort
 Coiffures de M^{lle} Mathilde M^{me} Huchey 39 r. Richelieu Heurs de S. Bonnaud 101 et 103 r. de la Bourse. Provenances
 de Richelieu Bayard 103 r. de la Bourse et 101 L'Éclaircie Parfums gants et éventails de Faguet Raboulee 133 Richelieu
 Lignes en Châleux de Remonard et 101 r. du V. G. Tronere. Stoffes des Filles de France 17 r. Richelieu
 Cour de la Bourse de Commerce Casalle et C^{ie}

Eu tambem já senti no rosto impressos
Os labios de meus pais, que se sorrião
Ao vêr-me rir n'esse estrear da vida!
E se soubesses como soffro e choro,
Lamentáras-me a vida que depíro!

III.

Nos faustos coxius, em herço d'oiro,
Eu já dormi tambem, qual dormes hoje,
Embalada tambem com mil desvellos!
Embalando o ar que eu respirava
A meu lado tambem, terna, estremosa,
Contente minha mãe era em beijar-me....
Adorava-me o riso em gentis labios,
Meu rosto não queimava o pranto ardente,
Minhas faces tinjião-se de rosas,
E aos olhos meus a dôr occulta estava!
Fantasma triste não me vinha em sonhos
De finados fallar-me e de ataudes....
E da morte cruel o despotismo
Eu não sonhando, não temendo a morte!
Sem de nuvens toldar-me o horizonte
Do meu futuro, se ostentava em gálas....
Mas ah! Que o fado meu veloz mudou se,
E do mar da existencia, procelloso,
Tempestuosos escarcéos partirão
Alquebrado batel que naufragou se!
Fatal onda cruel, precipitando
Nos abyssos sem fins da eternidade,
A vida de meus pais, que adorei tanto,
P'ra sempre de meus braços ausentou,
P'ra sempre na orfandade me abyssou!...

Mas p'ra que vens, synistro pensamento,
Enlutar a minh'alma, que reflecte
Apar d'um anjo o goso de su'alma?
Meu intento não é carpir meu fado,
Porque quero olvidar o meu presente,
E com meus rudes versos decantar-te
Essa innocencia que feliz te anima!...
E pobre, e fraca embora, eu sinto a lyra
P'ra tão sublime assumpto; eu cumprio a vante
A missão que me impõe a musa o estro!
Um tal transporte não concede o fado
A'quella que nasceu só p'ra soffrel-o.
Assim cheio de horror como se ostenta;
E se sómente a dôr meu estro inspira,
Como posso vibrar alegre a lyra?...

Venci em meu socorro, vinde, ó Musa!
Por momento arrancai-me o véo que enluta
Est'alma e peito, e desterrai-me o pranto!
Emprestai-me d'Apoll'o a lyra d'ouro
Eusinaí-me a destreza p'ra vibrar-a,
Ministraí-me prazer, dai-me alegria,
E n'um extasi d'alma ao Céo propicio
Quero alegre saudar teu naticilio!...

A ti, sómente a ti, ó Virgem Santa,
Supplico a graça de velar constante
Por este archanjo que do Céo baixaste!
Repara nesta mãe, que ajunta ao peito
Esse terno penhor de seus amôres,
Esse rico thesouro de seus mimos,
Vê do pai o prazer com que contempla o:
Os arcanos perscruta de su'alma,

E no prazer com que destérro o pranto
Sondo meu coração que adora-o tanto!...

Tu que tens tal poder, que és Mãe, que és Virgem,
Que do sentir a força comprehendes,
Suspende do infortunio o braço ativo
Do caprichoso genio da maldade!
Abençoando-o assáz, protege-o sempre,
Dos seus progenitôres os desejos
Nas fervorosas orações sagradas,
Satisfaz, reservando essa progenie
De tanto amor, das privações do mundo!...
Roga, ó Virgem Mãe, ao Deus teu filho
Para que seus annos cantados sejam
Pelas musas que cantão altas glorias!
D'um destino feliz da-lhe a ventura,
Da-lhe um peito nobre e só propenso
De virtude sublime aos dons preclaros,
Que modelando amor, disperse inveja
Nos que terão orgulho d'imital-o!
Conservem os autores de seus dias
Por série longa d'annos dilatados,
P'ra que jámais os tratos elle próvo
D'uma orfandade, que é peor que a morte!...
E s'elles hoje rogão por seu filho,
Se hoje tremem pelo seu futuro,
Tão alegre lhe tornes o presente
Que o amparo vejam n'elle da velhice....
E reserva lhes sempre a flicidade
De vê-lo flicitando a humanidade!...

Por sua grata e reconhecida amiga
Amalia.

O Pai indigente.

Em 1862, Pariz era assaltado de uma longa e cruel fome. Uma noite de estio, que Mr. de Salo, conselheiro no parlamento, vinha do passeio seguido sómente d'um laçao, um homem o abal-roou, lhe apresentando uma pistola, pediu-lhe a bolça, porém, tremendo como quem ainda não tinha exercido este officio.

— Vós vos dirigis mal, disse-lhe Mr. de Salo: eu não vos farei rico, não tenho se não trinta francos, que vos darei de boa vontade.

E os entregou immediatamente.

— Segue com cautella aquelle homem, disse Mr. de Salo a seu criado; observa, o mais possível, onde elle entrar, e te não demores a vir dar-me parte.

O servo fez-o que seu amo lhe ordenou: seguiu o ladrão que percorreu tres ou quatro pequenas ruas, e o viu entrar em casa de um padeiro, onde comprou um pão de sete ou oito libras, e trocou uma das pistolas que tinha. A dez ou onze casas d'alli, entrou em um corredor, subiu ao quarto andar, e, chegando a um reducto esclarecido sómente pelos raios da lua, deitou o pão no meio do aposento, e disse chorando á sua mulher e a seus filhos.

— Comei! eis ahí um pão que me custou caro: fartaí-vos, e não me artomeneis mais, como me

tendes feito. Um d'estes dias serei enforcado, e sois vós a causa de tamanho infortunio.

Sua mulher banhada em pranto, e tratando de prestar consolações a seu infeliz marido, levantou o pão e deu a quatro pobres filhos que estavam inanimados pelo furor da fome.

Quando o criado acabou de observar esta lamentosa scena, seguiu presuroso a dar fiel e exacta conta a seu amo de tudo o que tinha visto e ouvido.

— Tomaste sentido onde elle habita? perguntou-lhe Mr. de Salo, e poderás conduzir-me lá amanhã cedo?

— Sim, senhor, respondeu-lhe; é na rua de... e lá vos conduzirei mui facilmente.

No dia seguinte ás 3 horas da manhã, Mr. de Salo dirigiu-se ao lugar indicado, e encontrou duas criadas visinhas que já varrião a rua. Perguntou a uma d'ellas quem era o individuo que occupava um aposento no quarto andar d'aquelle edificio.

— É, senhor, respondeu a criada, um sapateiro, bom homem, e bem servçal; porém carregado de uma consideravel familia, e tão pobre, que não se póde ser mais.

Dirigiu a mesma pergunta á outra, que lhe deu pouco mais ou menos igual resposta; subindo depois á casa do homem que buscava, bateu á porta. Este desgraçado, vestido apenas com uns máus calções, veiu abri-la, e reconheceu logo aquelle a quem havia roubado em a noite precedente. Não é possível dizer qual foi sua surpresa. Lançou-se a seus pés implorando perdão do que havia feito, e supplicando, em nome de sua miseranda familia, que o não perdesse.

— Não faças bulha, disse-lhe Mr. de Salo; eu não venho aqui com tal designio. Vós exercéis, continuou elle, um máo officio, e ha' pouco tempo que o professais. Convém portanto que pessoa alguma o saiba, para que vos não exponhais a severo castigo.

— Oh! senhor...

— Sei que sois sapateiro. Toma! esta bolça, eis ahí trezentos francos que vos dou; comprareis couro, e trabalhareis para ganhar a vida e manter vossos filhos.

O pobre sapateiro e sua familia cheios de pasmo e admiração prostrarão-se ás plantas de Mr. de Salo, cobrirão de benções tão magnanimo protector; e com o dinheiro que generosa e inesperadamente acabava de receber, o desgraçado pai estabeleceu-se, e conseguiu por este modo alimentar sua mulher e seus filhos, que se julgavão precipitados no horroroso abysmo da furibunda desgraça.

A necessidade, ás vezes, conduz ao crime; mas quanto não é digno de respeito e admiração do genero humano o ente virtuoso, que, similhante á Divindade, faz retroceder o misero mortal para a senda da virtude?!

Traduzido por M.

Pensamentos e Anedoctas.

Quem é o pai da gloria? O genio — E quem é a mãe do genio? A solidão.

Perguntou alguém a *Newton*: Como podestes fazer tão grandes descobertas? Procurando-as.

Locke disse — que o tempo é a successão dos nosos pensamentos.

Ha duas especies de genio; o genio do espirito, e o genio do talento. O primeiro cria relações — O segundo expressões. *Cornelle* possuia aquelle, e *Ricne* este.

L. B.

Um homem rico, sentado sobre o tumulo de seu pai, disputava com um pobre, que orava sobre o d'aquelle que lhe dera o ser « Olha para o « tumulo de meu pai, dizia o rico ao pobre, vé « que rico marmore o guarnece, e que lindo epitaphio está gravado sobre elle. » Cala-te, retorquiu o pobre, « antes de teu pai poder destruir « o marmore que o cobre, o meu terá chegado ao « paraíso.

L. B.

A estação dos bailes.

A estação corre ligeira como um sonho de felicidade, como o clarão de uma aurora boreal que brilha e desaparece, como um amor de namorado, como um sorriso de paeta, como uma pirueta da Sra. Baderna... É que a estação dos bailes é na realidade um sonho, um clarão, um amor, um sorriso e uma pirueta.

É um sonho porque dorme a nossa vida real, a vida das amarguras, das provações e dos desenganos, quando nos arrojamos ás brilhantes illusões de um baile, com a alma embebida n'uma idéa vaga de venturas phantasticas (de olhares encantadores e de copos de neve), e o corpo entalado nos vastos limites de um vestido de *moirée*, e de um lenço branco como um pensamento de poeta nos quatorze versos de um soneto arcadio.

A estação dos bailes é um clarão, porque á sua luz se patenteão encantos, que uma imaginação de *Byron* sonharia apenas, paixões que morrerião solapadas no parapeito de alguma janella, ou na esquina de alguma rua, e até madeixas de cabello que

jazerião no sepulchro com os defuntos a quem pertencem, se os bailes as não fizessem passar do funebre jaziço para as mãos de Mr. Desmarais ou Eleau, e dahi para as fronte radiantes de muitas e mui respeitáveis matronas semi-seculares.

Tambem é o amor a estação dos bailes, porque sem elles a maior parte dos *janotas* se não darião ao trabalho de amar, preferindo talvez a este entretenimento *moral*, o innocente passa-tempo do jogo do bilhar, e até do gamão n'algum dos hotéis mais acreditados da capital.

Amor sempre haveria, porém não era este amor romantico começado n'um baile, nascido n'uma contradança, e acabado ás vezes... sabe Deus aonde. O amor é a vida das bellas, os bailes são a vida do amor: e mesmo se querem, o amor é o grande baile da vida. Donde nós concluimos que o amor, os bailes, e a vida, se combinão de todas as maneiras imaginaveis, fazendo uma trindade indissolvel de tres cousas muito distinctas... mas infelizmente nenhuma verdadeira, porque, segundo dizem poetas e moralistas, a vida é uma chimera, o amor é uma illusão, e o baile é uma impostura. Mas que temos nós com poetas e moralistas, fazedores de *utopias* para os habitantes da lua? Vamos continuando a valsar e contradansar por esses bailes, antes que venha a febre amarella.

Esquecia-nos demonstrar que a estação dos bailes é um sorriso e uma pirueta.

De que é um sorriso ninguém duvida, estamos mesmo inclinados a dizer que é uma gargalhada. E que é a estação dos bailes senão uma pirueta? a pirueta das segas de aluguel em torno das casas de baile, dos cabelleireiros em torno dos *Dendys*, das moças em torno das modistas, dos namorados em torno das namoradas, das namoradas em torno dos espelhos, dos espelhos em torno das *toilettes*, e das *toilettes* em torno da imaginação dos papás que os pagão, e que únicos neste turbilhão irresistivel se conservão fixos sem fazerem piruetas, como um ministério conservador que faz concessões a custo, affagando na mente a idéa de um golpe de estado que acabe por uma vez...

Que acabe com tudo quanto quizer, menos com os bailes. *Papoula.*

Aneodcta.

A MULHER E O ASTRONOMO.

Estando o Philosopho Thales a contemplar os astros no meio de um campo, cahiu n'uma cova muito funda, e quebrou nma perna — É bem feito, disse uma mulher que ia passando, quer ler nos céos, e nem ao menos vê o que está a seus pés.

Correio das senhoras.

Em nosso poder parão algumas cartas de diversas senhoras, que pelo seu proprio punho escreverão suas despedidas ao seu mestre, o Sr. Tornaghi, e nol-as remetterão pedindo a sua publicação neste domingo, o ultimo que o Sr. Tornaghi ainda gosa do paiz que já pertence a seus tenros filhinhos. São dezesseis essas cartas, cheias de delicadas expressões e repassadas de reconhecidas auidades; mas, como infelizmente não podem todas ser publicadas de uma vez, por falta de espaço, limitamo-nos a fazer esta especial declaração, dando mil parabens ao Sr. Tornaghi pela fortuna de haver alcançado, em premio de sua honradez, assiduidade e intelligencia artistica, tantas sympathias, tão sincera amizade entre todas as suas discipulas. Conhecemos tambem o Sr. Tornaghi, temos a convicção de suas qualidades, e pois unindo os nossos votos aos das suas discipulas lhe desejamos cordialmente um porvir traquillo e venturoso.

Reproduzimos aqui as assignaturas das 16 cartas — As Illms. Sras. — D. de M. — Duas Irmaes — Uma discipula — F. — G. — C. — As discipulas d'um collegio — F. M. — Maria F. — F. Vianna — Carolina — Eliza — Suas discipulas — Francisca — W — I.

Na terça feira proxima, 31 de Maio, o maestro Francisco de Sá Noronha, compositor de musica e regente da orchestra do Theatro de S. Pedro d'Alcantara, faz o seu beneficio conforme o seguinte programma.

Depois de uma nova ouvertura de sua composição intitulada — **REGENERAÇÃO** — Subirá a scena, pela primeira vez, o drama historico original da Sra. D. Joanna Paula Mouso de Noronha, em seis quadros e um epilogo — **O DITADOR ROSAS E A MASHORCA.**

Denominação dos quadros — 1.º O noivado, 2.º O ultimo adeus, 3.º Rosas e Coutinho, 4.º A pobre mãe, 5.º O hatequim da federação, 6.º A mulher de Agostinho, 7.º Tres annos depois. O quadro final é um esbôço da historia contemporanea. A scena é passada em Buenos-Ayres.

No intervalo do 5.º ao 6.º quadro, o Beneficiado executará na rabeça **UMA FANTASIA** de sua composição, sobre um thema de Henrique Hertz, dedicado por elle ao seu amigo Noronha, em 1848.

Findo o drama seguir-se-há uma — **FANTASIA CARACTERISTICA** sobre motivos do Sul da America — pelo Beneficiado, e finalizará o espectáculo a

divertida comedia em um acto — **MARICOTA OU OS EFEITOS DA EDUCACÃO.**

Eis o divertimento que o Sr. Francisco de Sá Noronha leva á scena do Theatro de S. Pedro em seu beneficio conjuvado pela sua digna esposa e nossa amiga, a Illma. Sra. D. Joanna. Tal empenho de mutuo auxilio, por sem duvida, é digno da protecção das nossas assignantes. Ah protegei-os, Senhoras: é a intelligencia e o merecimento quem hate respeitoso ás portas do vosso benigno coração.

A Sra. Izabel Maria Nunes, artista do theatro da Bahia, estreou no theatro de S. Pedro, na noite de 19 do corrente, desempenhando o papel de *Mariquinhas* na opera **FANTASMA BRANCO.**

Publicou-se na terça feira, 18 do corrente, um Jornal em Allemão, que continuará a apparecer todos os sabbados, tratando particularmente do systema de colonisação no Brazil. Ao illustrado Sr. Dr. M. Kieckbach, que alguns annos residiu na America do norte, está confitada a empresa e redacção deste Jornal. Felicitamos a sua publicação.

A immensa chuva que tem cahido desde quinta feira a noite, inundou diversas ruas e arrebaldes da nossa cidade; mas felizmente, por ora, nenhum desastre tem causado além de alguns pequenos desmoronamentos e casas alagadas. O facto mais notavel que sabemos, foi o de dous noivos casados ás 7 horas da noite de quinta feira, que as duas horas da madrugada forão pedir soccorro a um sobrado vizinho — estayão com a casa alagada com agua até aos colxões do leito nupcial. Coitados!...



LOGOGRIPO.

A primeira com a quarta,
De ferro ou folha estanhada,
Guarda mil cousas differentes;
Velha, não presta para nada.

A quarta com a primeira.
Jesus! Deus me livre della!
Uzão-n'os cirurgiões
No ca-o de quebradella.

A segunda com a quarta
Nunca quer dizer — tirar;
Tem rôsto sem ter cabeça,
Cano sem ser d'esgotar.

A terceira com a segunda
Serve p'ra dar claridade;
Para porém obter-se
É preciso mortandade.

Quem não vê nesta cidade
A canina brincadeira;
Digão os Fiscaes se não dão
A segunda com a primeira.

A terceira com a segunda
Se á primeira se ajuntar,
Pode ser um bom adubo
Da panella temperar.

Reunidas todas quatro,
Tire a que for musical;
As tres que restão, é cousa
Que serve para guardar.

A quarta com a segunda
E da primeira a vogal,
Serviu outr'ora a Moysés
Para escrever bem ou mal.

Serei uma planta?
Caixinha ou madeira?
Cothurno ou esfera?
Isto é brincadeira.

Gordura, apparelho
Cirurgico... Não?
Metalica folha?
Isso é mangação.

Que sou pois então?
Um nome estimado
D'artista de merito.
Tens adivinhado?

Adelaide P. de L.

ADVINHAÇÃO.

Sou theatro de prazeres
E de immensas afficções;
A velhice, a mocidade,
Commigo afogão paixões.
O rico que a mim se chega,
De tudo que tem se esquece,
O pobre tem refrigerio
Dos tormentos que padece.
De noite os homens de bem
Buscão minha companhia
Os vadios e ladrões
Só me procurão de dia.

A decifração da charada do n. antecedente, é **RELAMPAGO.**

Acompanha a este n. 21 a Estampa com figurinos de grande baile e de passeio.